

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO HISTORIOGRÁFICO DE FELISBELO FREIRE (1858-1916)*

*Francisco José Alves***

I - Introdução

O estudo sobre a obra de historiadores é ainda incipiente no Brasil.(1). Não se constitui costume a perquirição do pensamento dos nossos estudiosos do passado. Comparado ao volume de análises existentes sobre literatos e políticos, os historiadores estão em evidente desvantagem. Em que pese a larga tradição dos estudos de história no Brasil, os textos historiográficos, sobretudo os de outrora, não têm merecido a atenção dos estudiosos. Salvo uma ou outra obra tutelar da historiografia, a grande maioria jaz envolta num lastimável esquecimento. O fato se revela de muita gravidade, pois a História, como qualquer outra disciplina ou campo do conhecimento, necessita de um constante contato com o seu passado para tomar consciência de si mesma. De fato, há uma carência nos nossos estudos sobre a historiografia.(2). Ao contrário da História da Literatura, que desde o século 19 possui seus cultores renomados, a História da História tem-se revelado um campo pouco cultivado. Nele, os minguados frutos, o que temos resulta num punhado de estudiosos, como José Honório Rodrigues, Carlos Guilherme da Mota, Roberto do Amaral Lapa, Nilo Odália, Nelson W. Sodré etc.

(*) Comunicação apresentada na I Semana de Filosofia, promovida pelo Departamento de Filosofia da UFS, em 21 de outubro de 1993 - Aracaju - SE.

(**) Professor do Departamento de História da UFS.

Neste campo de evidente carência, estamos ainda a aguardar uma síntese da história da historiografia brasileira, a exemplo das muitas Histórias da Literatura Brasileira.(3)

Com efeito, essa visão de conjunto será entremamente facilitada pela realização prévia e estudos monográficos sobre os historiadores. É bom lembrar, no entanto, que precisamos de análises críticas e não de elogios fáceis. Precisamos dissecar obras e não elencar anedotas sobre o autor. Isto não significa, é claro, negar o entrelaçamento obra/autor.

É no horizonte desta perspectiva que pretendo analisar o pensamento historiográfico de Felisbello Freire (1858 - 1916) (4). Trata-se de um trabalho em andamento. O que trago aqui, são notas sobre a filosofia desse historiador. Tomarei como base da abordagem a sua obra inaugural no campo dos estudos de história, a **História de Sergipe**. Depois de uma breve apresentação da vida e da época de Felisbello Freire, apresentarei um resumo da obra e esboçarei um perfil do seu pensamento historiográfico, destacando o paradigma interpretativo por ele adotado.

II - A fortuna crítica de Felisbello Freire

Antes de encetar a análise, devo dizer que, a exemplo de outros historiadores brasileiros, Felisbello Freire não tem merecido grande atenção. Estudiosos locais como o professor José Silvério Leite Fontes(5) e Maria Thetis Nunes (6) escreveram sobre ele breves notas de caráter bio-bibliográfico. Fora dos limites de Sergipe, Paulo Mercadante (7) a ele dedicou um prefácio de oito páginas na segunda edição da **História de Sergipe** (1977). Neste prólogo, Mercadante traça um perfil do autor, inserindo-o na chamada "Ilustração Brasileira".

Foi o professor Bonifácio Fortes quem nos deu o trabalho mais avultado sobre Felisbello Freire. Em 1958, comemorando o centenário de nascimento do historiador, Fortes efetua uma análise do autor, destacando a pluralidade de seus interesses: medicina, política, jornalismo, direito. Finalizando a conferência celebrativa, Bonifácio Fortes diagnostica: "A memória de Felisbello Freire está reclamando um biógrafo e um intérprete".(8) Sem a pretensão de ser o biógrafo e o intérprete do estudioso, apresento aqui uma modesta contribuição à hermenêutica da sua obra inicial.

III - Felisbello Freire: a época e as idéias

Felisbello Freire viveu numa época de significativas transformações da história brasileira em todos os níveis. (9) Presenciou mudanças econômicas, sociais, políticas e intelectuais que marcaram o Brasil, da segunda metade do século 19. Na verdade, Felisbello Freire não foi um espectador, mas um participante ativo dessas mudanças, sobretudo as políticas e intelectuais. Foi militante histórico do republicanismo e, vitorioso o novo regime, veio a ser o primeiro governador republicano de Sergipe. Foi ministro do governo de Floriano Peixoto e deputado Federal por Sergipe em várias legislaturas. (10)

Felisbello Freire foi, sobretudo, um homem de ciência. Médico de formação, nunca abandonou o seu **background** de cientista natural. Absorveu as idéias científicas reinantes de sua época. Incorporou o "bando de idéias novas" que mobilizava a inteligência brasileira daquele tempo. Contrapondo-se ao romantismo e ao espiritualismo de um modo geral, surge no Brasil, dentre outras correntes de pensamento, o positivismo e o evolucionismo. Como atestam os historiadores(11), estes dois paradigmas marcaram a mentalidade dos brasileiros cultos da segunda metade do século XIX.

Estudando na Faculdade de Medicina da Bahia entre 1875 e 1881, Felisbello Freire absorveu as idéias científicas ali postas em discussão. É oportuno lembrar que a Bahia, ao lado de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo, constituía um pólo de inovação intelectual. Foram professores dessa Faculdade que lançaram a primeira revista científica de medicina no Brasil, a **Gazeta Médica da Bahia**. Esse veículo foi um significativo instrumento de promoção e divulgação de interpretações sobre a realidade brasileira, centrando suas reflexões sobre o tema raça (12). Como estudante, Felisbello Freire teve a oportunidade de assistir aulas de alguns mestres adeptos do evolucionismo e do republicanismo. De fato, ao diplomar-se em medicina em 1882, vai para Laranjeiras(SE) e lá se torna um divulgador entusiasta do evolucionismo spenceriano e do republicanismo. Funda jornais e realiza conferências. Naquela cidade, formou um grupo de intelectuais pautado pela adesão às novas idéias. Deste grupo, participa o médico Domingos Guedes Cabral, considerado por Sílvia Romero como um dos primeiros a falar de Charles Darwin no Brasil(13). Nutrindo-se deste ideário, Felisbello

Freire tornou-se evolucionista, republicano, abolicionista e presidencialista.

IV - A filosofia da história de Felisbello Freire em sua obra inaugural

Felisbello Freire foi um intelectual fecundo. No Rio de Janeiro, para onde se mudou em 1889, ao lado das funções políticas, sempre exerceu intensa atividade intelectual, materializada em colaboração na imprensa e na feitura de sua obra composta de muitos títulos. Sua produção abrange estudos de Direito, História, Economia, Biologia. Foi, entretanto, no campo da História que realizou o grosso da sua produção. Temos assim: **História de Sergipe** (1891), **História Constitucional...**(1894), **História do Brasil para o Curso Primário** (1896), **História da Cidade do Rio de Janeiro: 1500-1900** (1901), **História Territorial do Brasil** (1906), **Os Portugueses no Brasil** (1907), **História do Banco do Brasil** (1907), **Os Bastidores da Política no Brasil** (1911), **História da Cidade do Rio de Janeiro: 1564 - 1700** (1912).

Não vou analisar aqui o conjunto da obra historiográfica do autor. Deste modo, não tratarei dos possíveis deslocamentos ou mudanças de perspectiva ao longo da sua trajetória historiográfica. A abordagem considera apenas o momento inicial consubstanciado em sua primeira obra histórica publicada.

Em 1891, Felisbello Freire publica seu primeiro livro, **História de Sergipe**. A obra é uma síntese da História (sobretudo política) de Sergipe da ocupação (1575) até a transferência da capital de São. Cristóvão para Aracaju (1855). Está ordenado em quatro partes: "Introdução", "Época de formação", "Expansão colonial", "Política imperial". Traz como apêndice a transcrição de 218 cartas sesmarias distribuídas entre os séculos 16 e 17.

No "prefácio", Felisbello Freire confessa o objetivo que o levou a escrever a **História de Sergipe**: tornar o estado conhecido no país e no estrangeiro".(p.9) Critica o esquecimento de que tem sido vítima Sergipe na historiografia e registra seu agradecimento a Capistrano de Abreu, João Ribeiro e outros que o ajudaram na elaboração da obra, fornecendo-lhe documentos. Deplora, muitas vezes, a "escassez de documentos" (p. 88, 96,98, 121). Trabalhou 6 anos na pesquisa (p. 9).

A "introdução" está dividida em quatro capítulos.

"Os primitivos habitantes do Brasil" (p.19-29) revisa a literatura sobre a origem do homem americano e posiciona-se favorável à tese do autoctonismo do ameríndio. Apoia-se, sobretudo, nas obras de Sívio Romero, profusamente citado em notas de pé de página, além do historiador inglês Buckle.

Nos "Elementos étnicos do Brasileiro sua fisiologia e psicologia"(p.30-43), tece considerações sobre as três raças formadoras do povo brasileiro: "português, africano e índio"(p. 32), caracteriza-as e disserta sobre as "leis evolutivas" que se realizam em concomitância com o "meio". Descreve a herança oriunda das três raças. Vê no "elemento étnico e ação do meio"(...) "a causalidade mais geral de todos os fenômenos históricos"(p.31). Todo capítulo está embasado em Sívio Romero, H. Taine, H. Spencer e Broca.

Nos "Fatores externos da civilização do Brasil. O evolucionismo, a melhor teoria histórica" (p.44-53), reitera a tese: a raça e o meio "são as duas forças que dirigem a civilização humana" (p.53).

Analisa como o meio natural do Brasil, diferenciado entre "sul" e "norte", explica "a diversidade do caráter do brasileiro meridional e setentrional" (p.45). Mostra a ocupação histórica das duas regiões brasileiras. Apoia-se, explicitamente, em Taine, Buckle, Spencer e Sívio Romero.

Finaliza a introdução "Geologia de Sergipe. Fauna e Flora. Sua produção" (p.54-66) Nele o Autor divide geograficamente o território sergipano em "zona oriental" e "zona ocidental". Descreve-as geológica e hidrograficamente. Elenca as principais produções agrícolas do estado: cana de açúcar, algodão. Seu movimento comercial, sua fauna e flora. Por fim critica a administração estadual pelo "atraso" de Sergipe (mesmo possuindo solo "fértil e cultivável") (p.63).

"Época de formação (1575- 1696)". Está ordenado em sete capítulos.

Baseando-se na historiografia existente, Felisbelo Freire historia os primórdios da colonização de Sergipe desde a visita dos jesuítas Gaspar Lourenço e João Solônio (1575) até a ocupação militar por Cristóvão de Barros em 1591. Descreve as aldeias indígenas existentes em território sergipano e suas principais lideranças (Serigi, Surubi,

Aperipê). Fala da presença francesa em Sergipe e das razões que motivaram a expedição militar de Cristóvão de Barros.

Nesta parte ele se baseia em Frei Vicente de Salvador, Gabriel Soares de Souza, Robert Southey e Francisco Adolfo Varnhagen.

Prosseguindo a narrativa, o Autor descreve a obra dos capitães mores de Sergipe, sucessores do conquistador Cristóvão de Barros. Elenca os sucessos da colonização no período: a luta entre jesuítas e colonos, a migração dos indígenas para o interior, a transferência da sede de São Cristóvão, as doações de sesmarias e, por fim, a destruição da cidade de São Cristóvão pelos holandeses, as atividades produtivas (criação de gado etc.). Usa como fonte principal as cartas sesmarias que transcreve abundantemente.

Em seguida o historiador dedica um capítulo à mineração. Destaca a biografia do explorador Belchior Dias Moreya. Descreve as suas origens familiares, seus bens e a sua busca de minerais preciosos em território sergipano. O autor justifica o teor personalista do texto escrevendo: "Estudado Belchior Dias, está estudada a história de Sergipe nesses tempos" (115). Nesse capítulo discute um documento encontrado por Capistrano de Abreu sobre as aventuras de Moreya.

Avançando para o século seguinte, o Autor considera a invasão holandesa no Brasil como um "prolongamento das lutas que as províncias unidas levantaram contra a Espanha" (p.117-18). Estabelece três fases da invasão e, por fim, registra o estado da criação de gado na "capitania", o número de engenhos, número de "fogos" em São Cristóvão e as ordens religiosas aqui chegadas: jesuítas, carmelitas e capuchinhos. Deplora o atraso no processo civilizador em decorrência da ascendência dos religiosos sobre a população sergipana (p.129). Na visão do estudioso, a **influência religiosa é fator de "atraso"**.

Ainda nesta parte, o historiador descreve a situação da capitania abandonada pelos colonos portugueses e sob o domínio do governo holandês. Transcreve um longo documento (carta de doação) onde o governo das províncias unidas doa Sergipe ao Sr. Nommo Oliferdi "como feudo para cultivar as terras e lugares da capitania de Sergipe Del Rei" (p. 139). História a retomada do domínio português no Nordeste e especialmente em Pernambuco e Sergipe.

Descreve os feitos de André Vidal de Negreiros, Filipe Camarão, Henrique Dias na reconquista portuguesa. Vê na união das três raças a força que expulsou o invasor batavo. Transcreve longo documento sobre a rendição das forças holandesas. Vê na expulsão holandesa o primeiro germen de autonomia e identidade nordestina (civismo, patriotismo). Neste passo usa as obras de Robert Southey, F. A. Varnhagem e Manuel Calado.

Descrita a expulsão dos holandeses, o autor elenca os capitães mores que governaram a capitania de Sergipe desde a expulsão dos holandeses (1647) até 1724. Descreve as realizações de cada governo; o desenvolvimento da criação de gado, do tabaco, do algodão, da cana-de-açúcar; os conflitos entre os capitães mores e a câmara municipal de São Cristóvão (out. 1656); as aldeias indígenas existentes, as paróquias eretas no século dezessete.

A obra prossegue com o "Livro II" intitulado "Expansão Colonial (1696-1822)". Nesta parte o autor descreve a situação de Sergipe na condição de comarca da Bahia. Elenca os ouvidores de Sergipe no período e os seus respectivos feitos. Registra a organização de quilombos (de índios e negros), o conflito entre Vila Nova e São Cristóvão, a contenda entre Jesuítas e colonos, a expansão da colonização com a criação de vilas (Santo Amaro) e de paróquias (Propriá), o número de engenhos, as famílias dominantes na comarca.

Descreve o conflito entre Bahia e Sergipe em virtude de questões de jurisdição da ouvidoria de Sergipe sobre vilas do território da Bahia, a libertação dos índios em Sergipe e a tentativa de mudar a sede da vila de Santa Luzia para povoação da Estância (1757). Transcreve documento sobre a expulsão dos Jesuítas de Sergipe. Inventaria os nomes e os feitos dos ouvidores de Sergipe no período.

Tomando como eixo a atuação dos ouvidores, Felisbelo Freire descreve a continuidade da escravidão dos indígenas pelos colonos, as aulas públicas existentes nas vilas sergipanas, o número de vilas, a população total da capitania, a exportação, a navegação. Dando continuidade à narrativa descreve Sergipe em fins de século 18. Deplora o "atraso mental e moral da capitania" (p. 224). Assinala o desrespeito à lei pelos potentados, a extorsão praticada pelos senhores de engenho sobre os agricultores, o descaso pela instrução pública e o conflito entre

Vila Nova e Penedo em virtude de a última ter aderido ao movimento pernambucano (Sergipe X Alagoas).

Analisa a elevação de Sergipe à condição de capitania independente da Bahia como prêmio dado por D. João VI em virtude de Sergipe não ter aderido ao movimento de Pernambuco. Descreve longamente as vicissitudes enfrentadas por Carlos César Burlamarque, primeiro governador de Sergipe. A oposição da Bahia à independência administrativa de Sergipe, a organização, em Sergipe, de dois partidos: um favorável à autonomia e outro partidário da “recolonização”. Descreve, finalmente, as comemorações da aclamação da “independência” sergipana. Transcreve, os documentos de autoria de Carlos César Burlamarque e atas do governo da capitania.

A terceira parte da **História de Sergipe** chama-se “Política Imperial” (1823-1855). Nela o autor trata dos conflitos entre o partido da “recolonização” (“corcunda”) e o partido liberal no governo da Junta Provisória. Elenca os nomes e os feitos dos presidentes da província.

Retrata a pregação republicana dos padres Manuel Moreira no Sul da província, a reação oficial e a pouca adesão obtida pelo movimento. Transcreve longos ofícios da polícia sobre repressão à pregação republicana.

“Governo da regência. Revolução em Santo Amaro em 1836. (p. 284-300).

Registra a situação política conturbada da província em virtude dos conflitos entre partidos e a transferência da capital para Aracaju, os nomes e os feitos dos governantes positiva ou negativamente. Descreve o conflito entre São Cristóvão e Santo Amaro por questões eleitorais.

“Delegados do segundo reinado até 1855. Mudança da capital. Instrução pública. Finanças. Os partidos” (p. 301-313). Elenca os presidentes de Sergipe no segundo reinado e assinala a situação da província dominada pela violência entre as facções políticas, a mudança da capital econômica da província, a educação, a configuração partidária (liberais e conservadores).

Critica a transferência da capital para Aracaju por Inácio Joaquim Barbosa e a falta de reação da população ao fato danoso, segundo o autor.

“Limites. Questões com Alagoas e Bahia” (p. 314-327). História a questão dos limites de Sergipe com Bahia e Alagoas e estabelece os direitos territoriais sergipanos.

Em a **História de Sergipe** (14), Felisbello Freire coloca-se, explicitamente, sob a orientação do evolucionismo. Na introdução declara, peremptório, que essa doutrina é “a melhor teoria histórica” (p.44). Sob esta diretriz, o autor faz repetidas citações de Silvio Romero (1851-1914) e Herbert Spencer (1820-1903). Como se sabe, Romero esteve parte da vida jungido aos ditames da doutrina evolucionista.

Para alguns dos seus intérpretes, ele jamais deixou de ser evolucionista. Expressiva a este respeito é a publicação da **Revista Sul-Americana** (1889). Dela participavam, além dos dois já citados, João Ribeiro (1860-1934) e Araripe Júnior (1848-1911). Este periódico publicou, durante sua curta existência, traduções de textos de Spencer.(15)

De fato, Herbert Spencer foi uma referência avassaladora(16) . Muitos brasileiros cultos da segunda metade do século 19 pensaram sob o influxo do seu pensamento. Pagaram tributo ao spencerianismo vultos como Clóvis Beviláqua (1859-1944), Capistrano de Abreu (1853-1927), Edgard de Castro (1844-1970), Tobias Barreto (1839-1889), Vicente de Carvalho (1866-1924), e o poeta Augusto dos Anjos (1884-1914). Como atestam algumas crônicas de Machado de Assis, Spencer e Comte formavam uma espécie de divindade bifronte que norteava a gente culta daquela época. Tal fato leva o “Bruxo do Cosme Velho” a escrever um conto intitulado “Evolução”, onde ironiza, inclemente, a adesão da elite pensante às idéias do filósofo inglês.(17)

Movendo-se no interior do paradigma evolucionista, Felisbello Freire encara a história de Sergipe sob o prisma da evolução. (18) O processo histórico segue a lei geral que rege todos os fenômenos: a lei da evolução. No processo histórico sergipano, verifica-se a existência de fatores civilizadores e de elementos que constituem obstáculos ao processo civilizador. De um lado, tem-se o “civismo”, “patriotismo”, a “educação” e a “ciência”. Do outro, o “egoísmo”, as “paixões”, a “religião”, as “superstições”. O devir histórico é o teatro onde estas forças antagônicas digladiam-se. Para Felisbello Freire., o período colonial é dominado por fatores de atraso do processo civilizador. A sociedade sergipana da época era dominada pelas “paixões”, pela “ignorância” e

pela “religiosidade”. Em algumas passagens, o historiador deplora a ausência de “civismo” e o predomínio dos padres na direção das consciências. Mas não somente coisas negativas constituem a fase colonial. Um fato positivo, para o Autor, é a emergência cívica que irá patentear-se na luta contra a sujeição de Sergipe à Bahia, no início do século 19. (19)

Repartindo as forças motrizes da história de Sergipe em egoísmo e altruísmo, Felisbello Freire é fiel a Herbert Spencer, para quem a evolução moral de um povo marca-se pela passagem de um pólo a outro. Para ele, a evolução das sociedades ocorre quando os homens compreendem que o altruísmo é um meio eficaz para a vida social. (20)

O envolver da sociedade é semelhante ao desenvolvimento de um organismo. Como escreve Spencer, “uma sociedade é um organismo”. Na evolução de Sergipe, assiste-se a um processo de passagem da homogeneidade a heterogeneidade. Isto se torna explícito pela especificação, cada vez mais acentuada, das funções dos órgãos sociais. Se na colônia a Igreja exercia uma série de funções que extrapolavam o domínio religioso, com o progresso estas funções serão exercidas por um estado laico. Ainda aqui verifica-se, na perspectiva de Felisbello Freire, uma evolução de caráter moral. Na primeira fase (colônia), temos o predomínio da religião, com o progresso, a religião é substituída pelas luzes da ciência.

Também a linguagem adotada por Felisbello Freire é tributária do organicismo spenceriano. Ao longo do livro, aparecem muitos termos procedentes das ciências naturais como “função”, “organismo”, “caráter” etc. Termos de origem biológica que o historiador bem conhecia e que, para Spencer, poderiam ser usados na descrição das sociedades.

Em termos políticos, a “marcha da civilização” é marcada pela passagem da “aristocracia” à “democracia”. Para o historiador, o processo político em Sergipe seguiu esta lei evolutiva. Passou-se de um regime dominado pelas “paixões” e “egoísmo” dos “aristocratas” para um regime pautado no “altruísmo” cívico que embasa a democracia. Também na política, manifesta-se a evolução patente noutras esferas da vida social. As marcas evolucionistas presentes na *História de Sergipe* não deve levar a pensar que, apenas na doutrina de Spencer,

hauriu Felisbello Freire o seu modelo interpretativo. O historiador sergipano bebeu águas de outras fontes. Thomas H. Buckle (1821-1861) e Hipolite Taine (1828-1863) são outros inspiradores de Felisbello Freire na efetivação de sua análise historiográfica. Estes dois historiadores postulavam a transposição dos métodos das ciências naturais para a História.

Apoiando-se em Buckle e Taine, Felisbello Freire aborda a história de Sergipe à luz do determinismo mesológico e racial. Escreve ele: "No elemento étnico e na ação do meio irá a história buscar a causalidade mais geral de todos os fenômenos históricos". (21)

Consoante com esta orientação, Felisbello Freire dedica dois capítulos da **História de Sergipe** aos "elementos étnicos" bem como à "geologia". Estes fatores aparecem como suporte que fundamentam a história sergipana. Ao longo da obra, o estudioso mostra como estes elementos determinam a feição da sociedade sergipana. Assim, a opção pela criação de gado na fase primordial do processo histórico é explicada como sendo uma decorrência das características étnicas dos mestiços sergipanos. (22)

V - Conclusão

A **História de Sergipe** de Felisbello Freire é uma obra do seu tempo. Seu autor procurou realizar uma análise consoante os padrões da historiografia da segunda metade do século 19. Dentro desta perspectiva, procurou aplicar à história sergipana os postulados da ciência natural. Inspirando-se em Spencer, Taine e Buckle, tentou realizar uma história que se afastasse tanto do providencialismo religioso quanto da história centrada nos feitos dos heróis, peculiar à historiografia romântica. Nem sempre o autor é fiel aos princípios firmados. A **História de Sergipe** é, malgrado a intenção do seu Autor, uma obra que tem muito da historiografia romântica. O papel concedido aos grandes vultos é destacado. Felisbello chega a escrever: "Estudado Belchior Dias, está estudada a história de Sergipe nesse tempo". Onde estão as forças impessoais da raça e do meio postuladas no início da obra ?

Esta contradição manifesta, a meu ver, a dificuldade em desvencilhar-se de um modelo consagrado pelo uso e pelo tempo. A tradição se impõe, muitas vezes, contra a vontade consciente.

Felisbello Freire realizou a historiografia possível no seu tempo nessa obra. Não cabe cobrar-lhe a ausência da causalidade econômica ou lamentar que o autor veja na raça e no meio forças motrizes da história. As idéias têm a vigência do seu tempo.

NOTAS

- 1 Para uma panorâmica dos estudos monográficos sobre autores brasileiros, ver SOUZA, Maria Tereza S. Análise sobre o pensamento social e político brasileiro. **O que se deve ler em Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Cortez, ANPOCS, 1987, v. 2, p. 79-98; para uma visada na situação da década de quarenta, consultar PEREIRA, Astrogildo. Pensadores, críticos e ensaístas. IN: MORAES, Rubem Borba de & BERRIEN, William (org) **Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza, 1949. p. 646-683 e FICO, Carlos e POLITO, Ronald. **A História no Brasil (1980-1989)** Ouro Preto: UFOP, 1994, v.2).
- 2 Em 1974, Carlos Guilherme Mota explicava esta rarefação próprias de gênero. Escreve ele: "Na comunidade dos historiadores de ofício, a história da historiografia geralmente é considerada o mais difícil dos gêneros. Dadas suas características e implicações, pressupõe que o analista reúne conhecimentos de metodologia, teoria da história e teoria das ideologias". MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira: (1930-1974)** 3ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1986;
- 3 VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. 4ª ed. Brasília: Ed. UNB, 1963; MELQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977; SODRÉ, Nelson Wemeck. **História da Literatura Brasileira**. 7ª Ed. São Paulo: Difel, 1982. CARVALHO, Ronald. **Pequena História da Literatura Brasileira**. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- 4 Para informação sobre a biografia de Felisbello freire, consultar: BLAKE, Sacramento. **Dicionário Bio-bibliográfico**. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1893, v. 2, p. 113; GUARANÁ, Armindo. **Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925, p. 83-6; GUIMARÃES, Argeu. **Dicionário Bio-bibliográfico de Diplomatas, Política Externa e Direito Internacional**. Rio de Janeiro: s.n., 1938, p. 186.
- 5 FONTES, José Silvério Leite. Felisbello Freire. **Notícia Bibliográfica e Histórica**. Campinas, nº 49, set. 1973.

- 6 NUNES, Maria Thetis. Felisbello Freire, o historiador. **Caderno de Cultura do Estudante**. Aracaju, nº 4, p. 92-3, 1987.
- 7 MERCADANTE, Paulo. Felisbello Freire, um vulto da Ilustração Brasileira. In: FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. 2ªed. Petrópolis: Vozes, Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1977, p. 11-13.
- 8 FONTES, Bonifácio. Felisbello Freire - o homem público, o escritor e o constitucionalista. **Revista da Faculdade de Direito de Sergipe**. Aracaju, v. 5, n. 5, p. 226-75, 1958.
- 9 Para uma visualização do Brasil vivido por Felisbello Freire consultar: ROMERO, Silvio. **Obra Filosófica**, Rio de Janeiro; José Olympio, São Paulo: Edusp, 1983. Especialmente Doutrina contra Doutrina; VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical**. São Paulo: Cia das Letras, 1991; ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro; Nova Aguilar, 1986, v. 3, p.809-35: A nova geração; COLLICHIO, Terezinha Alves F. **Miranda de Azevedo e o Darwinismo no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1988; SODRÉ, Nelson W. **O Naturalismo no Brasil**. 2ª ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992; SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças**. São Paulo: Cia das Letras, 1993; COUTINHO, Afrânio. A crítica naturalista e positivista. In: ____ (direção) **A Literatura no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, v. 4, p. 21-68; MACHADO NETO, Antônio Luis. **A Estrutura Social da República das Letras**. São Paulo: Grijalbo/Edusp, 1973.
- 10 Cf. obras citadas na notas 4.
- 11 Para verificar a influência deste dois paradigmas, consultar, dentre outros, COSTA, João Cruz. **Contribuição à História das Idéias no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- 12 Cf. COUTINHO, Afrânio. A Crítica Naturalista e Positivista. In: ____ (org.) **A Literatura no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986, v. 4, p. 24; SCHWARCZ, Lília Moritz. Op. cit. p. 202-5; CONI, Antônio Caldas. **A Escola Tropicalista Baiana**. Bahia: Progresso, 1952.
- 13 Cf. COLLICHIO, Terezinha Alves F. **op. cit.**
- 14 Utilizo aqui FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, Aracaju: Governo do Estado, 1977. A primeira edição desta obra saiu pela Tipografia Perseverança, do Rio de Janeiro.
- 15 Consultei os números desta Revista na Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

- 16 Para uma avaliação da influência da obra de Herbert Spencer no Brasil, consultar as obras referidas na nota 9.
- 17 ASSIS, Machado de. **op. cit.** v. 2, p. 703-8: Evolução.
- 18 FREIRE, Felisbello. **op. cit.** p. 44-53: Fatores externos da civilização no Brasil. O evolucionismo, a melhor teoria histórica.
- 19 FREIRE, Felisbello. **op. cit.** *passim*.
- 20 Para uma introdução à filosofia de Spencer, consultar: FRANÇA, Leonel. **Noções de História da Filosofia.** 23ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1987, p. 204-8; PADOVANI, Humberto & CASTAGNOLA, Luís. **História da Filosofia.** 4ª ed. São Paulo: Melhoramento, 1961, p. 383-5; ÁVILA, Fernando Bastos. Introdução à Sociologia. 5ªed. Rio de Janeiro: Agir, 1976, p. 244-6; BREHIER, Emile. **História de la Filosofia.** Buenos Aires: Sudamericana, 1962, p.509-35: **Transformismo, Evolucionismo y Positivismo.**
- 21 FREIRE, F. **op. cit.** p. 31.
- 22 FREIRE, F. Capítulos 2 e 4 da Introdução.